

EXPRESSO (/EXPRESSO/)

# Por que a maior feira de arte brasileira terá um espaço para performance

Juliana Domingos de Lima 06 de abr de 2018 (atualizado 07/04/2018 às 08h45)

SP-Arte acontece de 12 a 15 de abril, e inaugura ambiente de cerca de 200 m<sup>2</sup> em que artistas apresentarão trabalhos de longa duração

TEMAS

CULTURA  
(/TEMA/CULTURA)

FOTO: ÊNIO CESAR/CEDIDA PELA SP-ARTE

 'PSICOGRAFANDO TUNGA', PERFORMANCE DE ANDRESSA CANTERGIANI APRESENTADA NA EDIÇÃO DE 2017 DA SP-ARTE

A feira internacional de arte moderna e contemporânea SP-Arte acontece anualmente e é a maior e mais relevante (</expresso/2017/04/07/Como-e-quanto-o-mercado-de-arte-é-afetado-pela-criese>) feira de arte brasileira.

Realizada em 2018 entre 12 e 15 de abril no Pavilhão da Bienal, em São Paulo, a 14<sup>a</sup> edição do evento conta, pela primeira vez, com um ambiente construído especialmente para a execução de cinco performances de longa duração.

A SP-Arte incorporou a performance em sua programação em 2015. Nas últimas edições, porém, as apresentações estavam espalhadas pelo Pavilhão. O projeto de reservar 220 m<sup>2</sup> no segundo piso para a modalidade artística demonstra uma intenção de dar a ela maior destaque.

A curadoria de artistas e trabalhos do setor de performance foi feita por Paula Garcia, artista e colaboradora do Marina Abramović Institute.

Entre os artistas selecionados em 2018, há três projetos solo (de Karlla Giroto, Paul Setúbal e Gabriel Vidolin), um duo (o Protouvoulia (<https://www.protouvoulia.info>)) e um coletivo (Brechó Replay).

As apresentações acontecerão em um ambiente fechado, sem divisões, simultaneamente. Duram cerca de 8 horas por dia, em todos os cinco dias de feira. Não há um espaço destinado ao público, que deve se “misturar” aos trabalhos.

## O que é performance

A arte performática busca questionar (<https://www.sp-arte.com/noticias/mas-afinal-o-que-e-uma-performance/>) e ressignificar conceitos cotidianos, como o corpo, a mente e o tempo. Em uma performance, o corpo do artista é o material empregado para gerar sentido.

Os termos performance e arte performática passaram a ser (<http://www.tate.org.uk/art/art-terms/p/performance-art>) amplamente usados na década de 1970, segundo o site do museu britânico Tate Modern. Sua origem, porém, é frequentemente associada a apresentações futuristas e aos cabarés dadaístas dos anos 1910.

“Durante a performance, o corpo deixa de ser meu e passa a ser uma obra de arte. Em um museu, não se pode tocar em pinturas ou esculturas. A performance é uma das únicas possibilidades artísticas em que a interação com o público não só é permitida como passa a ser parte da própria obra”, disse (<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/artista-russo-fara-performance-como-lenin-nu-em-sao-paulo-21991395>) o artista russo Fyodor Pavlov-Andreevich ao jornal O Globo em 2017.

Cada artista de performance a define de maneira diferente, afirmou a artista Marina Abramović em uma palestra ([https://www.ted.com/talks/marina\\_abramovic\\_an\\_art\\_made\\_of\\_trust\\_vulnerability\\_and\\_connection](https://www.ted.com/talks/marina_abramovic_an_art_made_of_trust_vulnerability_and_connection)) para o projeto TED.

A explicação elaborada por ela define essa forma de expressão como “uma construção física e mental que o artista executa num determinado tempo e espaço, na frente do público. É um diálogo de energia, em que plateia e artista constroem juntos a obra”. Na performance, diz Abramović, “tudo acontece ao vivo e não se pode ensaiar”. Não é possível apresentar a mesma coisa duas vezes.

Ela diferencia, ainda, essa forma de arte da performance teatral. “No teatro, a faca não é uma faca, e o sangue é apenas ketchup. Na performance, o sangue é o material, e a lâmina de barbear, ou a faca, é a ferramenta”.

O trabalho da artista nascida na Sérvia consiste, segundo ela própria, em encenar medos humanos – da dor, do sofrimento – diante da plateia e, a partir da energia vinda das pessoas presentes, explorar ao máximo os limites de seu corpo.

## Performance no Brasil

Nas artes visuais brasileiras, a performance é praticada desde a primeira metade do século 20. Flávio de Carvalho, precursor no país, executou em 1931 a obra “Experiência nº2”, na qual caminhou na direção contrária a uma procissão católica usando um imenso chapéu verde.

Artistas como Lygia Clark, Hélio Oiticica e Guto Lacaz têm trabalhos de performance.

Em 2017, artistas brasileiros de performance protagonizaram episódios controversos. Em julho, o paranaense Maikon K. foi preso ([/expresso/2017/07/17/O-caso-do-artista-presos-por-‘ato-obsceno’-e-os-limites-da-liberdade-artística](#)) pela Polícia Militar do Distrito Federal durante a performance “DNA de DAN”, sob a justificativa de praticar “ato obsceno”.

O artista se encontrava nu no contexto da apresentação, em frente ao Museu Nacional da República, em Brasília.

Em outubro do mesmo ano, a performance “La bête”, apresentada por Wagner Schwartz na abertura do 35º Panorama de Arte Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, foi alvo de protestos ([/expresso/2017/10/03/por-que-obras-e-exposicoes-de-arte-estao-protagonizando-o-debate-politico](#)) que chegaram a escalar para agressões físicas a funcionários do museu e ameaças anônimas, feitas por telefone, de dano ao acervo da instituição.

A indignação de pessoas contra a obra também teve relação com a nudez do artista – começou com a circulação de um vídeo, no qual uma criança, de cerca de 4 anos, é mostrada tocando a perna do artista, que se encontrava nu, deitado no chão, durante a performance.

Segundo o MAM, a criança estava acompanhada e supervisionada pela mãe.

“Se a gente pensar na história da arte, do Brasil, do mundo, reações retrógradas, de tentar censurar trabalhos de arte, não são de hoje, não são nenhuma novidade”, disse a artista e curadora Paula Garcia ao **Nexo**. “É uma reação a coisas que estão vindo transformar o sistema. E eu digo o sistema como um todo: econômico, político, cultural”.

## No mercado de arte

Atuante em projetos de performance no Brasil e no exterior, Paula Garcia afirma “que a performance tem hoje uma importância muito grande no sistema da arte”.

Segundo ela, há, atualmente, muitos artistas interessados e realizando performances no Brasil e no mundo. Acompanhando essa produção, feiras, galerias e museus abrem cada vez mais espaço para projetos de performance.

Ela deixou de se restringir a um nicho visto pelo público como difícil e político, para ganhar o mainstream nos últimos anos, diz uma reportagem (<https://www.economist.com/news/books-and-arts/21723805-years-biggest-art-events-medium-once-political-and-difficult-now-exciting>) de 2017 da revista The Economist.

Em 2017, as principais feiras e eventos de arte do mundo, como a Bienal de Veneza, a Art Basel, na Suíça, e a Documenta, na Alemanha, deram ênfase (<https://www.economist.com/news/books-and-arts/21723805-years-biggest-art-events-medium-once-political-and-difficult-now-exciting>) à performance.

Segundo Garcia, um dos objetivos da SP-Arte, ao criar um espaço só para a performance, é conectar artistas e mercado para que, juntos, pensem nas possibilidades de venda dos trabalhos.

Na feira, a venda se faz normalmente pela intermediação das galerias, mas, no caso da performance, pode ser combinada diretamente com o artista.

Dos 5 artistas escalados por Garcia para realizarem suas performances ao longo da feira, somente um, Paul Setúbal, tem representação de galeria.

No Brasil, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) foi a primeira (<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/04/1759017-mesmo-timida-venda-de-performances-cresce-no-mercado-de-arte-brasileiro.shtml>) instituição a incluir uma performance em seu acervo.

Em 2000, adquiriu da artista Laura Lima as obras “Bala de Homem= Carne/Mulher=Carne”, na qual um performer aguarda a bala derreter na boca aberta, e “Quadris de Homem=Carne/Mulher=Carne”, em que duas pessoas se movimentam amarradas pela cintura.

Nenhuma delas é realizada por Lima. Quem as executa são performers contratados, segundo orientações preestabelecidas pela artista a respeito da duração e do porte físico dos envolvidos.

## **Como funciona a venda de performance**

Por ser imaterial, um “acontecimento”, a performance é adquirida de maneira diversa de outras formas de arte. O que é vendido varia de acordo com o artista e as cláusulas de negociação variam caso a caso.

Vendê-la pode significar negociar, com uma pessoa ou instituição, a execução ou reexecução da apresentação.

Mas também é possível adquirir documentos de uma performance já apresentada, em vídeo, foto ou gravação de áudio, ou, ainda, um passo a passo da performance: nesse caso, o comprador adquire as instruções (<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/04/1759017-mesmo-timida-venda-de-performances-cresce-no-mercado-de-arte-brasileiro.shtml>) e o direito de executá-la.

Marina Abramović, a artista de performance viva mais famosa da atualidade, documenta alguns de seus trabalhos com impressões fotográficas, cujo valor vai (<https://www.artvisor.com/blog/performance-art-challenging-collecting>) de U\$ 25 mil a U\$ 500 mil, de acordo com o site especializado Artvisor.

Outros artistas, como Tino Sehgal e Ryan McNamara, porém, negam a repetição e não permitem (<https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-how-performance-art-entered-the-mainstream>) qualquer documentação de suas performances, por considerarem que essa lógica desvirtua a experiência única e efêmera dessa forma de arte.

### **VEJA TAMBÉM**

**[EXPRESSO \(/EXPRESSO/\) Como \(e quanto\) o mercado de arte é afetado pela crise \(/expresso/2017/04/07/Como-e-quanto-o-mercado-de-arte-é-afetado-pela-crise\)](#)**

 **The Trust Project** (<https://thetrustproject.org/>) **SAIBA MAIS**